

FOME DA VIDA

NOVELA de MANDO MARTINS

Tive a desgraça de nascer mulher independente numa época em que passam vidas inteiras de mulheres a dançar nos bailes abraçadas aos rapazes e em casa a fazer rendas detrás das janelas.

Por sobre isto, tive a desgraça de nascer no seio duma família feliz e aconchegada. Por esta razão, quando sai da paz satisfeita da casa de meus pais para o escritório do senhor Moraes—o de bigode branco e botas de biqueiras inchadas, à policia, sócio da firma Moraes e Companhia—tudo foram contrariedades, estranhezas, pequeninas desgraças inúmeras que molhavam de lágrimas os meus desesperos.

Meses passados, o escritório dos senhores Moraes e Companhia era o prolongamento do aconchêgo da minha casa, tinha lá uns chinelos de agasalho e uma pasta dentífrica.

Um dia descobri que tinha dezolito almas e um corpo bem talhado, que meu pai era velho, o escritório e o dono confortáveis, que a minha vida era demasiadamente cômoda para poder ser feliz.

Apareceu então, vindo da Alemanha, o António Gaspar, filho do senhor Moraes: um rapaz viajado, loiro, bem falante, que sabia gastar o dinheiro do pai. Apanhou-me nessa época de crise em que eu ia ensaiar o salto para uma vida diversa, lançar-me no turbilhão de sensações delirantemente imaginadas, e atirei-me ao António Gaspar como os garotos que se prendem à cauda do combóio para um país estrangeiro e desejado, sem pagar bilhete.

Meses depois conheci que era estúpido e banal como a maioria do rebanho dos homens, mas foi ele a porta por onde entrei para a vida: porque eu nasci com dezoito anos feitos.

Foi ainda à custa d'ele, melhor dizendo, à custa do pai d'ele, que entrei para o teatro. Nunca gostei de teatro, nunca julguei que viesse a apreciar tam fútil maneira de entreter a vida.

Foi numa noite de domingo: no palco havia uma casa com hebras, um combóio imóvel ao longe e uma actriz, que afinal nem era tam bonita como eu, a berrar desalmadamente pelo namorado. No intervalo atiraram-lhe muitas

palmas, ela desceu do palco e veio dar um beijo na calva dum velho, ao meu lado. O velho derreteu-se de gozo; a mulher do velho chamou-lhe descarada, atrevida, limpando a mancha vermelha de báton com um lenço de seda e cuspo.

Encantou-me a liberdade daquela rapariga alegre que podia beijar um homem diante de tanta gente. Acaso havia ali outra mulher com direito de o fazer? Claro que não, nem mesmo a sua esposa.

Que bom não era! Ter assim uma vida livre, aplaudida, escrita nos jornais, e sobretudo poder beijar um homem que nunca se viu, em público, sem ser chamado à policia.

Fui actriz, uma actriz mediocre.

Como não tenho feito para viver dependente de ninguém, e muito menos de homens—que eles julgam que têm sobre nós mais direitos que sobre quaisquer outros animais—depois de me encher de amor, depois de bebedeiras sentimentais a rimar dedicações eternas, depois das semanas íntimas convidadas em ternuras carinhosas e passeios de contentamentos unidos numa ou noutra aldeia branca e pequena com ramadas ao sair da estação e pensamentos a pitoréscas, depois de satisfazer o meu instinto amoroso, fiz-me uma mulher que se governa, independente, que ambõe a sua afirmação social. Fiz-me chefe duma troupe. Fomos representar pela provincia.

A peça intitulava-se «Flôr Abandonada» — a costumada variação tóla da mulher que teve um filho e é deixada pelo homem que a deshonrou.

Eu tinha que chorar em cena durante uns bons vinte minutos seguidos. A minha interpretação era fria, desinteressada. Ser artista era para mim uma profissão como qualquer outra, com a obrigação única de reter o público lómpa, a olhar para nós durante umas horas. De resto, chorava como uma dactilógrafa escreve à máquina, fria, profissionalmente. Nem compreendia que pudesse ser doutra maneira.

Uma noite sai do teatro a pé,

para casa. A um canto num largo brincava um homem gordo, alto, vermelho da cara, com uma rapariguita esquelética e miúda, que lhe girava em volta contentíssima, cheia de riso, de melgucões, de frases de ternura amiga, de pequeninas carícias infantis. Deviam ser antigos e bons namorados. O homem vermelho da cara, quando farto de todas aquelas sollicitudes carinhosas disse—basta!, com ar aborrecido aproximou-se mais da rapariga, apalpou-lhe os braços magros, deu-lhe uma pancada no hombro como se faz aos cavalos nas feiras e pronunciou uma frase dúbida de negociante.

Virou-lhe as costas, batendo uma gargalhada dura seguida do martelar das botas nas pedras nocturnas.

A rapariguita ficou imóvel a olhá-lo como se a tivessem pregado ao chão. Passado muito tempo, arrancou os pés vagorosamente e foi sentar-se à porta velha duma parede próxima. Um candeeiro agressivo babava-a duma luz amarela idiota.

Desatou a chorar.

Sentei-me junto dela. Os soluços que lhe levantavam o peito magro faziam ouvir o respirar fundo dos pulmões: tinha a impressão de que aqueles soluços saíam do meu corpo, e que uma angústia enorme me abafava. Queria dizer-lhe alguma coisa, consolá-la, dar-lhe uma esmola; mas só me ocorriam palavras banais, vaidosamente, enfatuadamente estúpidas. E fugi.

O meu papel na «Flôr Abandonada» constava dum trecho assim. Mas que diferença entre o meu desempenho e o daquela rapariga magra! Só ela me fez compreender a distância que vai da vida aparente à vida sentida, da superficialidade das expressões à profundidade rica, ansiosa, fervente, vibrante, do lódo da vida do homem, onde têm raízes as raívas sanguinolentas, as santidades abdicadoras e calmas, os desesperos doidos, impetuosos como máximas paráliticas a desejarem uma garganta para o estrangulamento.

A sua sincera alegria forçada, a sua fabricada sinceridade

dade davam-me a medida da dor que as produzia.

Foi a primeira vez que senti sofrer um semelhante: aquele contentamento expansivo, tempestuoso, que de repente caiu numa tristeza morta, confrangeu-me a alma.

Abalou-me a simplicidade brutal da vida: que uma mulher se compra, fácil, rapidamente, como um quilo de arroz na mercearia.

Comecei a sofrer com intensidade e propósito. Gozei pelo sofrimento: que hoje para sorver a vida toda, vivê-la até ao fundo, é preciso sofrer muito. A dor é o maior gozo de viver, um delicioso excitante do prazer aumentado. Sofrer uma dor enorme para saborear mcrdo a enorme o prazer sem fim que vem depois, e não cabe no corpo: é preciso para a vida.

Tempo virá, em que na vida só o prazer dará gozo e felicidade.

Procurei a rapariguita esquelética, cuja teatral alegria me fez sofrer e me revelou a potência comovedora dum estado de alma bem definido nas atitudes.

Trabalhamos as duas. Fomos duas artistas geniais. A vida que fabricávamos para o palco era por vezes mais intensa do que a realidade em que estávamos metidas. Depois de certas interpretações fazia esforços pesados para me adaptar aos meus hábitos, para representar a existência a que os outros chamavam real.

Se interpretava a Nora de Ibsen, dias e dias a seguir agia eu pela psicologia daquela personagem e pensava pelo seu cérebro.

Apertadas numa amizade irmã e compreensiva, bebemos do mesmo copo o vinho forte da glória, deliramos juntas, pelos palcos de todo o mundo, bebedeiras de génio.

Na amizade sólida, há sempre um a dominar, e o outro a adaptar-se, a ser trabalhado pela individualidade do dominador.

Entre mim e a minha amiga, nada nos separava, era eu que comandava sem dar ordens, a sua maneira de ser; a

sua psicologia desenhara-se inconscientemente a tal ponto pela minha, que cumpria os meus desejos sem lhos dizer nas palavras.

Revoltada com o sincero servilismo da amizade, propus-lhe que nos separássemos. Choramos. Tinha que ser. Eu resolvera-o.

Deixei também o teatro. Que mais podia eu fazer? Nenhuma artista de todos os tempos do mundo alcançara a minha raiva genial, o arrebatado doido das minhas criações. Começava a repetir o meu sublime, já não podia excedê-lo.

Aquela qualidade de vida já a tinha sorvido até ao fundo. Repetir sensações é a cobardia dos ociosos e dos impotentes para criar. Saborear sempre os mesmos prazeres faz perder a intensidade do prazer primeiro e estraga o paladar.

De mais o teatro estava a deteriorar toda a minha maneira de ser. Nos clubes, em casa, representava inconscientemente para mim e para os outros. O meu primeiro impeto de ser sincera com alguém estacava ao surgir-me a ideia — e se eu mentisse? E mentia teatralmente, era-me um enorme prazer quando alguém me contrariava falando verdade e, por fim, se convencia dos meus dizeres perante a compostura recta dos meus gestos. Sobrepôr a mentira à realidade fabricada, à realidade sensível e concreta, escarnecer da natureza sã e da sinceridade dolorosa dos outros, tornou-se-me um passatempo.

E o pior é que representava para mim, nas minhas acções e atitudes mais humanas, examinava-me constante, miudamente, reprimia os meus gestos mais espontâneos, outras vezes lançava gestos e frases propositadas para observar o efeito que deixavam em mim e nos outros.

A cada passo me surpreendia a fazer teatro na minha vida mais íntima e a manejar, a fazer dos meus amigos actores para apreciar como espectadora toda aquela peça. Sofria com isso um prazer doloroso, principalmente quando os outros sofriam e choravam sinceramente, mexidos pelo meu capricho. Depois chamava-me hipócrita, má— e recomeçava: para ser hipócrita devia aparentar... e seguia.

Quasi endoideci, perdida por completo a espontaneidade

natural e efusiva que faz saltar a alegria e a tristeza imediatas, virgens da personalidade humana.

Hoje, pergunto-me onde começa o teatro e onde acaba a vida sincera.

Farta de agitações, de sensações inquietas e potentes, embarquei para a Índia.

Compus poesias líricas no estilo de Tagore e casei com um príncipe indiano despota e bruto.

Amei o amor de ser dominada por um homem de quarenta anos, selvagem e áspero como o seu idioma estranho.

Amei o amor bizarro num país exótico e quente, onde o amor é uma sensualidade seguida debaixo dum sol em brasa, diante de paisagens serenas, à tarde, com céus desenhados de palmeiras elegantes e um rio ocioso a lambem pernas de salgueiros, duma largura de água aberta descaradamente como uma barriga.

Saboreei a volúpia dos escravos sob o chicote, que me abriu vergões de sangue no corpo, do meu senhor despota e bárbaro.

Os nervos cansaram-se daquela inactividade, do descanso parado como num poço, dos meus dias vagarosos.

Depois de correr todo o Oriente e deixar um amor em cada país novo, um desespero em cada um desses orientais, ardentes e caprichosos que me beijavam os pés com volúpia, fui para Paris. Ai encontrei de toda a minha vida — o primeiro HOMEM.

Fômos amigos como dois cães. Trabalhávamos juntos noites inteiras. Dêle só posso dizer: não era como nenhum dos que até aí havia encontrado: era outro.

Tinha um crâneo forte como os pulsos ginastas. Raciocinava dura e facilmente como uma fonte a correr água.

No amor mais carnal eramos simplesmente dois bons camaradas.

Choquei com êle na vida por acaso—mas foi o meu primeiro Encontro Humano. Como estava longe de compreender a aproximação próxima, o contacto íntimo, profundo, humano, que gera o entendimento de dois semelhantes!

Quando um homem é uma mulher se encontram desta maneira, intimamente, irmãmente, sem qualquer contacto carnal que os junte, podem produzir coisas admiráveis, revolver o mundo inteiro, inventar uma vida nova, como dois homens machos que construissem—oh fantasia! — um filho do seu esforço incarnal.

Eu andava alegre como uma gargalhada saudável.

Depois acabou. Estava a enfraquecer a tensão do nosso entendimento e perdíamos tempo de trabalho. Separámo-nos.

Depois disto, caí num estado imbecil: escrevi livros, (que hoje são estudados nas histórias da literatura por professores de lunetas), sobre o nosso Encontro. Ressaboreei, revivi as nossas relações desde o começo, lembrando os pormenores um a um.

Também isso já lá vai—não gosto de ler livros nem de ver teatro. Só aprecio a vida natural, esportânea, que sai dentro de nós como uma folgado de sangue bom.

Na procura inquietada, constante, do fim da Vida, só lhe encontro este—VIVER. Mas isto é a vida fechada a dar a volta a si própria. O fim da Nossa Vida deve ser tornar melhor a nossa e a vida dos que vierem. Há tanto a fazer! A vida pode atargar-se ainda tanto em extensão e profundidade! Deus? Os que vierem muito depois de nós talvez tenham razão e tempo para pensar nisso.

O médico aconselha-me que vá descansar para o campo.

Para quê? faço hoje 40 anos e não estou cansada de viver. Chamo-me Maria Laura; mas isto não tem importância.

BIOGRAFIA

por António Gameiro

Cada novo dia que seja o meu primeiro dia. Que nada se afigure estranho e tudo inteiramente novo se alargue e recorte em outra claridade. Os meus olhos serão mais claros e luminosos e tudo em mim guardará uma virtualidade mais profunda. O delíquo do instante despedindo-se a feliz perturbação da chegada próxima a doce inquietude para além das formas e dos seios vigorosos e descobertos — a simplicidade duma biografia sem detalhes.

De tudo que foi e porque ou para que a vida me jogou, de tudo me alongo, em cada instante, sem lágrimas nem uma saúde nem um adeus. Caminho.

Caminho para reflorir-me em mim mesmo na florescência tímida e suavíssima de cada novo dia, — mais forte mais generoso mais verdadeiro, acarinhando todos os sonhos de braços bem abertos para cada novo dia. E mais decidido mais confiante mais e mais humano para que tudo em mim guarde a virtualidade mais profunda e cada novo dia seja o meu primeiro dia.

(De «A Minha Condição de Escravo», inédito.)